



Madalena Sá e Costa, cem anos 'Gosto de viver'

Entrevista exclusiva, por Bruno Caseirão PÁGINAS 20 E 21

JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

JL

Ano XXXV • Número 1178 • De 25 de novembro a 8 de dezembro de 2015
• Portugal (Cont.) €2,80 • Quinzenário • Diretor José Carlos de Vasconcelos

Luís Quintais

O canto dos signos PÁGINAS 12 E 13

Diogo Sardinha

Um filósofo em Paris PÁGINAS 29 A 31

Mário Lúcio Sousa

A (singular) Autobiografia PÁGINA 36

Os Papéis da Prisão de LUANDINO VIEIRA

A 'biografia' de uma obra única

São 1200 páginas inéditas, escritas na cadeia de Luanda e no Tarrafal entre 1962 e 1971. Um excepcional documento político e literário, a chegar às livrarias, sobre o qual escrevem os seus organizadores, Margarida Calafate Ribeiro, Mónica V. Silva e Roberto Vecchi, que também entrevistam o autor

PÁGINAS 8 A 11



**BIENAL DE JOVENS
ARTISTAS DA EUROPA**

A arte como alavanca para a Paz

Reportagem de Rita Alves dos Santos, em Milão,
e perfis dos sete participantes portugueses

PÁGINAS 22 A 24

> PAPÉIS DA PRISÃO, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA <

Esteve cerca de dez anos nos cárceres do salazarismo/colonialismo, entre 1962 e 1971, por, militante do MPLA, defender a independência de Angola - primeiro em Luanda, depois, mais longamente, no Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde. E foi escrevendo, clandestinamente, milhares de páginas de vária índole, agora reunidas em *Papéis da Prisão - Apontamentos, diários, correspondência*, um extraordinário volume (ed. Caminho) de 1200 páginas, que ontem deve ter sido apresentado na Gulbenkian mas só chegará às livrarias dentro de dias. Nestas páginas, os principais responsáveis pela preparação da edição começam por contar toda a "história" do agora livro e do seu próprio trabalho, bem assim do seu significado, político e literário, etc. - seguindo-se a antecipação de parte da longa entrevista que fizeram a Luandino, e que consta do volume. Recorde-se que o escritor, hoje com 80 anos, e que optou pela nacionalidade angolana, nasceu em Portugal, onde voltou a residir a partir de 1992. Com uma larga e reconhecida obra, ao seu livro *Luanda*, publicado em 1963, foi atribuído em 1965 o Grande Prémio da Sociedade Portuguesa de Escritores, o que levou a que fosse extinta e saqueada pelam ditadura. Em 2006 foi-lhe atribuído o Prémio Camões, que recusou por há muito não editar nenhum livro novo - o que afinal aconteceu pouco depois com a publicação de *O livro dos rios*, 1º vol. da trilogia *De rios velhos e guerrilheiros*

A 'biografia' de uma obra única

Margarida Calafate Ribeiro, e Roberto Vecchi

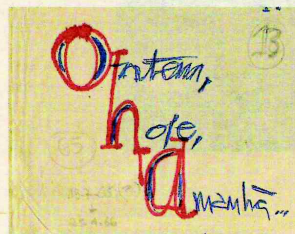


A "biografia" de uma obra parece um sucedâneo figurado, anómalo de uma convencional biografia do autor. O que percebemos, porém, ao longo dos quase três anos de organização de um projeto entusiasmante e labiríntico, com a presença fortíssima e discreta de José Luandino Vieira (JLV) em cada etapa da sua realização, é que o caso dos *Papéis da Prisão* coloca sob suspeita muitas categorias da crítica literária ou textual. Como não pensar que o material do projeto - uma vida posta em causa nas suas relações e no seu bem-estar em nome de um ideal superior, entrelaçada nos frágeis papéis que compõem um diário minuciosíssimo - é tão biográfico que torna necessário pensar na obra como substância humana que impõe um retrato?

O projeto surgiu com uma espontaneidade e uma complexidade desarmantes. Luandino participando em Coimbra, há quatro anos, num Encontro intitulado "Memórias de tantas guerras: guerras coloniais, guerras de libertação, guerras civis em Angola e Moçambique", ao lado de José Luís Cabaço, por Moçambique. A ideia dos organizadores do colóquio era trazer os outros lados das guerras de libertação: os clandestinos, os presos políticos, as mulheres. Na sua intervenção,



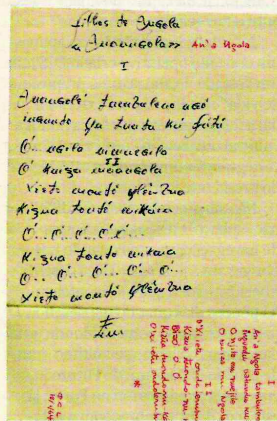
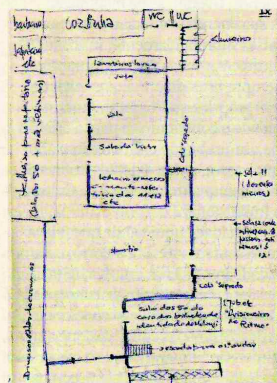
Por mais que usamos a vida nunca se pecca a esperança, a falta de confiança só da morte é conhecida. Se a vida não for a mupida a sorte, sentindo sempre que todo mal vem acher remédios na vida. E por que a vida não tem de ser do mal a bençica, nunca se pecca a esperança e a vida não vem (intercete contellano e Gil Vicente)



3-5-63 - É uma pequena história da vida e da morte - e do que nos fazemos e do que nos falta. Talvez amanhã não se entenda a vida que é...



Papéis da Prisão Fac-símile de algumas das páginas do original da obra



Luandino fez referências ao diário da sua detenção. E levou uma amostra que logo nos pareceu magnífica. Dois ou três cadernos artesanais, constituídos por papel de circunstância, com uma escrita pequena, desenhos, fragmentos colados. O número das peças: dezenas, centenas e centenas de entradas, milhares de fragmentos.

Foi assim que quase naturalmente se constituiu uma equipa na altura deste Encontro, nomeadamente a coordenadora, Margarida Calafate Ribeiro (Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra - CES), Roberto Vecchi (Universidade de Bolonha), Michel Cahen (CNRS/Sciences Politiques, Bordéus) e Phillip Rothwell (Universidade de Oxford). Ficou expresso o interesse dos investigadores neste acervo precioso e desconhecido para, após tratamento, o poder eventual e idealmente publicar em diferentes línguas. Foi esboçada inclusive uma metodologia de emergência que determina uma fase importantíssima

Cerca de 2000 frágeis folhas manuscritas nas quais anotou a sua visão do cárcere como observatório excecional da nação angolana (...) como o espaço de união e resistência coletiva, e expressou angústias e sonhos pessoais

sima: era preciso, como primeira etapa, fixar o texto em português e torná-lo publicável. A experiência noutros projetos de igual grau de complexidade, e de certo modo similares, como, por exemplo, a organização do volume de Eduardo Lourenço *Do colonialismo como nosso impensado*, publicado em 2014, com a reunião de um grande acervo de textos, naquele caso editados e inéditos, do professor, deu-nos a infraestrutura necessária para a definição de um programa de trabalho que levasse *in primis* à edição do texto, em parceria com o autor.

Surgiu assim, com a surpresa por um livro quase inesperado, a construção de um projeto que

foi apresentado e aprovado pela Fundação Calouste Gulbenkian e cujo objetivo era a sua publicação por ocasião dos 40 anos da "dipanda", da Independência de Angola, em 1975. O projeto contou com a dedicação de uma pequena equipa, coordenada por Margarida Calafate Ribeiro, Mónica V. Silva, também do CES, e por Roberto Vecchi, da Universidade de Bolonha, junto obviamente com JLV. A tarefa era a a fixação e edição do texto, sendo que texto em *Papéis de Prisão* é algo muito diverso. Também foi fundamental o apoio do CES de Coimbra, em particular da equipa do programa de doutoramento em Patrimónios de Influência Portuguesa e o envolvimento de um editor apaixonado e decidido, Zeferino Coelho.

DE LUANDA, PAVILHÃO PRISIONAL DA PIDE, 1962, AO TARRAFAL, 1972

Uma biografia de uma pessoa, como de uma obra, necessita sempre de começos. O começo é evidentemente Luanda, Pavilhão Prisional da PIDE, 1962. A data do início da escrita. Mas a biografia dos *Papéis de Prisão* hoje — uma obra excêntrica para o autor de *Luanda*, sendo, porém, entranhada na sua experiência — tem como um começo possível Coimbra, no começo de Abril de 2013, quando a equipa se reuniu com o autor e elaborou um cronograma de trabalho com toda a complexidade do caso perante tantos possíveis papéis. Qual era afinal o quadro dos materiais que se apresentava? O reconhecimento de fontes realizou-se em duas fases: uma permanente ao longo dos dois anos, em Vila Nova de Cerveira, a cidade de residência de Luandino; outra, em maio de 2014 em Luanda. O tabuleiro do projeto apresentava-se assim em toda a sua força e complexidade com uma enorme variedade de documentos em diferentes formas.

De facto, durante a sua longa detenção, de 1961 a 1972, JLV coligiu um vasto acervo de materiais em 17 cadernos meticulosamente datados, intitulados pelo autor «... ontem, hoje, amanhã...». Estes cadernos são compostos por fragmentos de vária natureza: anotações diarísticas, correspondência (cartas e bilhetes internos), postais e desenhos, cancioneros populares recolhidos junto de outros prisioneiros, esboços literários e exercícios de tradução, ditos e textos em quimundo, recortes jornalísticos, apontamentos. A equipa notou logo que o início da escrita não coincide com o começo da prisão, que ocorreu em 20.11.1961. Efetivamente, os primeiros seis meses de detenção, em Luanda, foram necessários para estabelecer ligação com a rede de comunicação dentro da cadeia, rede pessoal e de preparação do processo. Mais o tempo dos interrogatórios, da surpresa da vida suspensa.

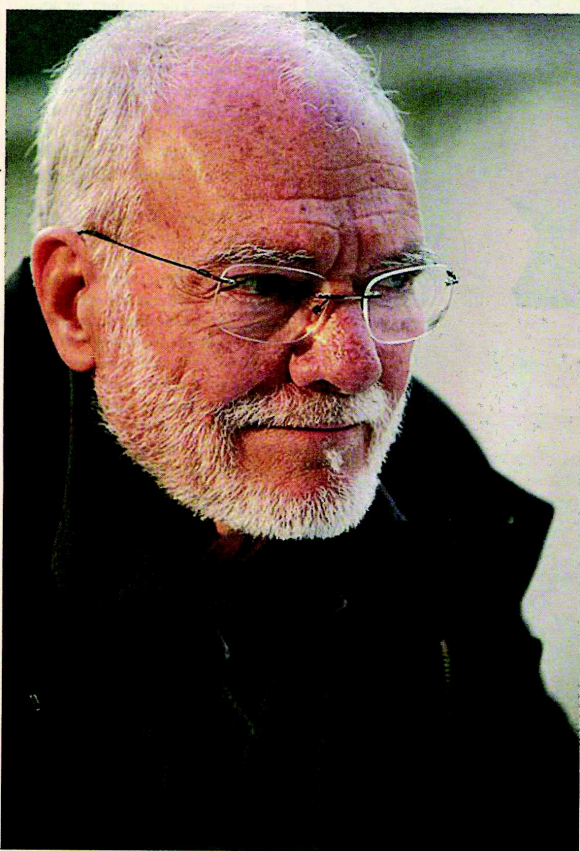
DIÁRIOS DO CÁRCERE

O processo de escrita destes «diários do cárcere» tem portanto como fronteiras cronológicas e espaciais a entrada do escritor no Pavilhão Prisional da PIDE em Luanda (1961), e a sua saída do Tarrafal (1972), sendo o final da escrita de 6-7-1971. A materialidade destes cadernos é composta por aproximadamente 2000 frágeis folhas manuscritas nas quais anotou a sua visão do cárcere como observatório excepcional da nação angolana, manifestou os seus projetos políticos e literários, evidenciou o projeto comunitário de Angola como o espaço de união

Esta primeira parte, que vai de 1961 a 1964, caracteriza-se pelo uso do fragmento de texto de autor em que se manifesta a força de projeto literário e político. O projeto literário aqui assinalado é ser escritor, visível na recolha de elementos culturais, nos vários planos de contos e mesmo livros produzidos, nomeadamente *Meu Musseque*, *Luanda*, com o desenho das personagens, as reflexões e a ansia da opinião da sua primeira leitora, a mulher, com quem negocia a voz do escritor e, a dela, como leitora; paralelamente ou interstetando-se com o projeto de ser escritor desenvolve-se o projeto político. O projeto político

nação angolana encarcerada nas suas diferentes geografias que no espaço carcerário convergem, nas línguas, nas canções, nas diferentes ordens e entendimentos de justiça, religião e valores que levam o autor a questionamentos múltiplos sobre a densidade do projeto político e do seu potencial literário.

A substância biográfica subentendida — que poderia ser definida como histórica — é de imenso valor factual, sobretudo neste tempo em que comemoramos as independências daquelas que foram as colónias africanas portuguesas de Angola, Moçambique, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau.



Luandino Vieira 'Possas eu, agora, em 1964, Angola, África, ser digno sempre desses homens futuros.'

e resistência coletiva, expressou angústias e sonhos pessoais.

Do ponto de vista de uma escrita do cárcere, a acumulação de páginas de notas tem uma linha de corte de leitura muito evidente, a que corresponde em pleno uma geografia carcerária. De facto, aos primeiros anos nas cadeias de Luanda corresponde um tempo de uma mínima proximidade familiar, que sustenta a esperança de reversão do processo e a observação da nação angolana encarcerada manifesta no movimento de presos políticos e de delito comum, com as suas vidas, as suas línguas, as suas geografias, rituais e esperanças.

é ser Angola, Angola independente e livre, pleno de outras vozes, manifesto nas cartas, nos contactos, nas solidariedades, nos gritos da tortura que conectam a voz e o corpo e gera a solidariedade de uma comunidade de corpos marcados pelo sofrimento e encarcerados. Pela dor, nas suas várias declinações, cria-se uma matriz de relação de solidariedade do cárcere político, em que o político nasce da dor que aqui quer dizer partilha. Mesmo que a dor seja sempre uma experiência individual, no espaço carcerário a dor é comunitária e, portanto, é política. Mas o projeto político é também a percepção da



Um volume decerto modo paraliterário, mas que explicita com uma luminosidade única e solar as fronteiras entre os vários projetos que compõem a obra: o político, o literário, o histórico, o testemunhal.

Documento da História e ao mesmo tempo registo impecável, também literariamente, da subjetividade e da memória de uma experiência sem iguais.

Esta independência foi conquistada após uma prolongada guerra de 13 anos, de 1961 a 1974, em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. JLV foi preso logo no início das lutas pela independência, primeiro ainda em 1959 e depois, de novo, em 1961, tendo sido condenado, em 1963, por prática de crime contra a segurança externa do Estado, segundo o artigo 141º, 1, do Código Penal de 1961, por intentar, por meio violento ou fraudulento, separar a Mãe-Pátria ou entregar a país estrangeiro todo ou parte do território português. A condenação foi de 14 anos de prisão: paradoxalmente dir-se-ia que é esta circunstância que torna a sua torrencial escrita confessional, num observatório privilegiado dos factos que antecedem, acompanham (com toda a interferência da mediação problemática do cárcere e do campo) e seguem estas páginas de história.

PROJETO DO AUTOR E TRABALHO DA EQUIPA

Estas características contextuais e hoje históricas dos *Papéis* impuseram a configuração de uma metodologia *ad hoc*. Não se trata, efetivamente e a rigor, de uma edição linear aquela que se organiza junto com o autor. A experiência que tivemos mostra como a fixação do texto ocorre de acordo com um critério de conservação, procurando o que poderia ser considerada, em hipótese, uma transcrição fiel dos manuscritos. A fixação do texto, no entanto, foi só o começo de um processo de constituição dos *Papéis* sob o gesto de autor de JLV. A operação filológica que proporcionou o texto base foi o limiar da construção da obra por parte do escritor. É neste sentido que a organização do volume se apoia num processo híbrido e, ao mesmo tempo, riquíssimo ao combinar o trabalho de investigação da equipa com um projeto de ativa responsabilidade do autor, sem detrimento da restituição ampla e fiel dos textos originais.

De facto, a edição da obra, após uma atenta recuperação, seleção e organização dos materiais por parte do autor, respeitou, sempre que possível, o manuscrito original. A organização da obra cumpre, portanto, regras textuais por um lado, e por outro lado permite uma abertura do campo para uma releitura que corresponde à reorganização ativa da matéria pelo seu autor, a partir da própria ideia material de livro.

Para valorizar a presença de um olhar também atual sobre a construção do volume resolveu-se acrescentar, junto a um amplo aparato que apoia esta decisão, uma longa entrevista realizada ao longo de muitos encontros com o autor. Deste modo, o desdobramento de visão entre o Luandino de então e o Luandino de agora pôde ficar evidente ao exibir as temporalidades múltiplas em jogo.

A NAÇÃO ANGOLANA

Uma vez descritas as formas com que a edição se realizou, se quiséssemos discutir o género do livro ou se nos pedissem para classificá-lo, diríamos, como Garrett das suas *Viagens na minha terra*: uma obra inclassificável. Tão variada é a composição, como dizíamos acima, que se trata realmente de um patchwork riquíssimo justamente pela multiplicação e a diversidade das peças e das formas — não só literárias — que combina. Combinação, aliás, condicionada e produzida pela circunstância biográfica e permanente de exceção em que o escritor se encontra: o cárcere ou o campo. Como equipa, a ideia que amadurecemos durante os meses de constituição da obra foi — se tornando clara: trata-se de um volume decerto modo paraliterário, mas que explicita com uma luminosidade única e solar as fronteiras entre os vários projetos que compõem a obra de um dos maiores autores vivos de língua portuguesa: o político, o literário, o histórico, o testemunhal, etc. Documento da

História e, ao mesmo tempo registo impecável, também literariamente, da subjetividade e da memória de uma experiência sem iguais.

A recolha de tipos sociais que vão gerar as personagens, a escolha da geografia literária e política do musseque, a percepção de uma língua portuguesa em diferença para as personagens e a sua introdução no tecido literário, a representação de outros valores e de outras formas de justiça e de conhecimento nos seus futuros livros vêm muito da observação deste «laboratório possível» que é a prisão e que permite ao autor ver a já existência da nação angolana. Essa é, aliás, uma das leituras mais expressivas dos *Papéis* – a constatação da existência de uma nação com séculos de história, e que nunca pode emergir sob forma independente e de estado-nação. Nos *Papéis* o espaço carcerário de Luanda parece ter dado a confirmação material dessa existência.

O POLÍTICO, O LITERÁRIO, O HUMANO

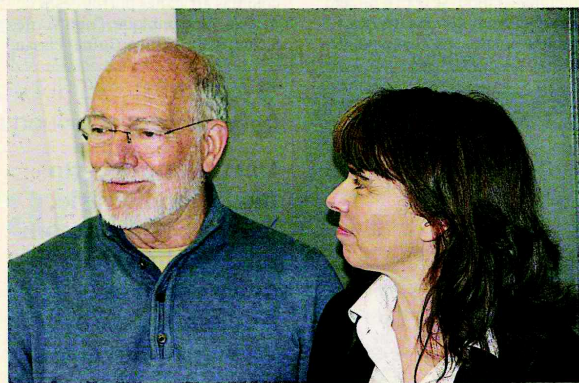
Tratava-se, portanto, de organizar a luta no sentido de criar as condições para o reconhecimento dessa evidência e disso fazia parte seguramente o projeto cultural, ou seja, o da construção do Estado a partir das culturas que definiam a nação. Tudo isto converge simbolicamente no esboço de desenho da própria bandeira do país pelos presos e num curioso episódio que envolve a tradução de uma palavra de ordem para todas as línguas angolanas representadas. Concluem que isso é para dizer em todas as línguas de Angola – «carregar as espingardas». Este projeto político é, portanto, literário e é esta “não disjunção” que lhe confere a dimensão estética. A dimensão humana está permanentemente filtrada por um eu em rutura pessoal, como fica bem expresso nos desenhos íntimos da família e dos seus autorretratos, que ao mesmo tempo que sustenta o sujeito, o desfaz em momentos de autorreflexão profunda.

Esta é a “biografia” sintética de uma obra única que enriquece muito o nosso conhecimento da obra literária de uma grande e única voz das literaturas em língua portuguesa. E tudo isso se capta no fragmento que oferece um divisor de água humaníssimo entre as duas partes dos *Papéis*, quando dos cárceres de Luanda, Luandino é deportado para Tarrafal: para nós uma espécie de eixo crucial que tudo sintetiza do volume como um todo, um livro do passado, mas que dialoga sempre com o futuro, com a esperança, o desejo, o sonho:

“Encerro aqui esta parte do diário. Agora outra fase se iniciará com esta viagem e depois a permanência em Cabo Verde. Voltarei vivo? Morto não posso voltar... Parto calmo e confiante no futuro. Tenho a K., o Xexe, a minha terra, o m/ povo e uma luta que é uma das últimas em prol da futura vida nova no nosso planeta. Possa eu, agora, em 1964, Angola, África, ser digno sempre desses homens futuros.” (3.VII.64). JL

Entrevista

Na cadeia, sempre determinado ‘a ser fiel ao projeto de escritor’



Luandino Vieira com Margarida Calafate Ribeiro e com Roberto Vecchi, durante os trabalhos de preparação da obra

A construção dos *Papéis da Prisão* foi para a equipa uma enorme oportunidade de convívio com um grande escritor da língua portuguesa. Titular de uma memória infundável – muito treinada também pela experiência da prisão – e de uma timidez desarmante, José Luandino Vieira (JLV) foi ao longo do projeto um interlocutor extraordinário e incansável, que com uma sensibilidade enorme acompanhou e dirigiu cada uma das suas fases. As ocasiões de diálogo foram muitas e bastante ricas. No livro, em virtude da intensidade e da densidade da voz de Luandino, resolvemos integrar partes consistentes de uma longa entrevista com o objetivo de justapor os Luandinos, o de ontem e o de hoje, por sua vez em diálogo em função da seleção de alguns fios de uma espessa trama do passado. Deste material enorme resolvemos selecionar alguns fragmentos exemplares da conversa inacabada. Entre a equipa e Luandino.

Equipa: A primeira pergunta surge da leitura dos seus textos, hoje. Qual o papel, não só da literatura, mas de todo o pano de fundo que contribuiu para a sua escrita, o papel das imagens, da música, do teatro, do cinema, ou seja, de outras formas de arte que se sentem na sua literatura?
Luandino Vieira: Não tenho nenhuma opção estética à priori. Vamos ver se consigo ser verdadeiro. No jornal do Liceu Nacional de Salvador Correia, só em 1953 é que há um texto meu, é um conto que se chama “O Cartaz”. Mas a minha primeira expressão foi plástica, num jornal manuscrito que fazíamos, com os meus 14/15 anos, chamado *O Gaiato*. Era um jornal que circulava no 4.º ano, nas turmas do 4.º ano e 5º ano. Era uma tradição naquele liceu, na época, jornal manuscrito. Recebemos o testemunho do A. Jacinto e outros mais velhos. Era um leitor de *O Mosquito* e cheguei a enviar-lhes uma banda desenha-

da. Como não tinha dinheiro para o cinema saltava o muro todos os sábados e domingos. Depois a gente sentava-se lá dentro para ver aqueles filmes, filmes de Hollywood. Fiquei com tal gosto pelo cinema que cheguei a ter uma Paillard de 16 mm. E quando fui para o Porto tinha levado a Paillard, e levava, já não era só o *script*, era mesmo o guião para fazer um documentário do poema “Namoro”, do Viriato da Cruz.

No ano de 1957 ou 58 vi 300 e tal filmes, vi mais que um filme por dia. Depois consegui uma carteira do jornal, *Provincia de Angola* ou *ABC*, já não me lembro, como crítico de cinema e também como crítico de futebol. Como crítico de cinema ia ver o filme, fazia umas notas para os jornais; de futebol, nunca punha os pés no futebol mas ficava sentado no bar Rialto, com os meus camaradas de geração, a beber cerveja e a comer ovos cozidos. Quando acabava o futebol nós chamávamos uns miúdos e eles contavam-nos o jogo. De maneira que aqueles relatos de futebol nesses anos não vale a pena acreditar. Não punha o meu nome, era no tempo em que a gente punha duas iniciais e servia. As críticas de cinema eram mais sérias, porque davam direito a ir ao cinema e sobretudo não podia dizer muito mal do filme, porque era a própria empresa que nos dava os filmes para o cineclubes.

Lembro-me do senhor Queirós. Era um senhor que tinha preocupações culturais. Então mandava vir um filme ou outro que tinham pouco a ver com os filmes do circuito. Também tenho uns contos sobre futebol, porque jogava futebol. Cheguei a jogar nos juniores e escolhi o clube dos operários. O pai do Adolfo Maria, o senhor António Maria, era torneiro mecânico nas Oficinas Gerais do Caminho-de-ferro. E então fui jogar para o Ferroviário, Clube Ferroviário de Luanda. Fiz o 1º ano no Clube Ferroviário de Luanda, não gostei muito porque... É verdade que os brancos do Ferroviário eram diferentes dos do Benfica. O Benfica não admitia nem negros nem mestiços. Então mudei para o Atlético que era conhecido em Luanda pelo “clube dos cozinheiros”. Fomos para o futebol porque o Atlético era um clube que tínhamos de manter na

órbita nacionalista. Era um clube que tinha sede na Baixa mas era tido como um clube do musseque. “Clube dos cozinheiros”. Só tinha um equipamento, um par de botas. Era outro estilo de clube. Na fotografia onde eu estou há três ministros e dois embaixadores, depois da independência. Bom, fora os escritores...

Quando é preso o projeto de ser escritor, o seu projeto literário está em fase de construção, já com alguns traços bem definidos. É constantemente alimentado pelo que vê, pelo que observa, pelo que vai conversando com os outros. Ao mesmo tempo este projeto confronta-se com as condições adversas do meio e é por elas também condicionado. Portanto como escrevia, que cuidados tinha de ter?

Dentro da prisão havia vários perigos. Mas eu já tinha o hábito de escrever clandestinamente e na prisão desenvolvi essa prática. Os apontamentos, o diário, surgem também porque percebi que muito embora tivesse sempre confiado na minha memória (tenho muito boa memória), havia coisas que eu tinha que escrever, até porque a memória não podia guardar isso tudo, e, portanto, como já escrevia para a clandestinidade fora da cadeia foi-me fácil entrar na cadeia e dizer “deixei-me continuar a escrever para a clandestinidade”. Os apontamentos, as notas já eram feitos pensando nisso, e os bilhetes que recebia, muitas vezes diziam: “Lê, decora e rasga”. Eu lia, decorava e indisciplinadamente guardava. Na verdade, naquela idade, até comprometia o sistema de comunicação que havia dentro da cadeia em Luanda e que era dos nacionalistas angolanos que estavam presos nas duas alas.

A cadeia estava dividida: de um lado estariam os assimilados, do outro, estariam os indígenas, mas também não era bem assim. Por vezes estava tudo misturado e a PIDE não fazia assim grandes diferenças, porque a atuação deles era diferente. Mas, comeciei a perceber que se me indisciplinava e guardava essas comunicações – às vezes eram comunicações de pessoas que estavam em interrogatório e que era preciso avisar cá fora sobre o que se dizia – colocava muitos em risco e, portanto, essas comunicações eram destruídas,

mas o material que eu presumia que me podia servir como escritor eu gostava de guardar. Para isso preparei um saco que permitia a saída clandestina, ainda que fosse muito irregular, porque havia visitas periódicas às celas para apanhar tudo quanto os presos estavam a escrever.

Nesta escrita de prisão, há duas formas dominantes, no meio de inúmeras outras: as cartas e o diário. As cartas são um material que tem um destinatário objetivo. O diário é algo mais pessoal? É uma escrita confessional, sem destinatário?

Ambos são pessoais. Encontro ali dois tipos de cartas: umas eram cartas que escrevia às vezes, sempre que me interessava, numa folha A4 ou uns aerogramas que eram também manobras de diversão. Eram as cartas que eu escrevia, dobrava, com selo, e o inspetor que dirigia o Pavilhão lia, fechava e mandava pôr no correio. No mesmo dia, pela via clandestina, saía uma carta com os assuntos que não podia pôr obviamente naquelas cartas. Isto na parte de Luanda, sobretudo a parte do Pavilhão, até sermos condenados pelo tribunal militar. Essas outras cartas estavam subconscientemente guardadas para manter a unidade da família.

Em todas as cartas dou argumentos, escrevo argumentos, para mim e para a Linda, no sentido de manter o tipo de ligação que nós tínhamos, que era aquilo a que nós chamávamos de uma ligação para o futuro e que, agora, tinha de ser assim visando o fim último que era a luta pela independência de Angola. E era muito claro que tipo de independência desejávamos. Felizmente está tudo lá e as datas bem exaradas, o que significa que nós estávamos atentos e que o assunto era discutido. As cartas tinham um acentuado cunho político e visavam preservar a unidade, que era uma maneira de manter a luta.

Então, a pedido não sei de quem a Gulbenkian enviou uns caixotes de livros. Os livros chegaram e eu propus-me para bibliotecário. Hoje dou-me conta de que se não houvesse aquela biblioteca seguramente em *Nós, os de Makulusu*, não haveria aquela referência à carta de doação de D. Sebastião, porque isso saiu de três ou quatro números soltos de uma revista chamada *Arquivos de Angola*, que o Museu de Angola publicava e onde se transcreviam os documentos do acervo. E eu fui lendo aquilo tudo. Era o bibliotecário, tinha que estar lá sentado para entregar os livros aos guineenses e aos outros presos, sempre com o guarda ao lado. O material acumulado trazia-o em mim próprio: a infância, as prisões e depois das leituras... As vezes diz-se “era para resistir!”.

A esta distância é muito difícil perceber se era para resistir ou se era para fugir. Não sei se a escrita era uma evasão, se era um ato de afirmação. Uma coisa que posso dizer é que havia uma determinação em ser fiel ao projeto de escritor com que tinha entrado para a cadeia. Era importante ser fiel a esse projeto. Não era ser um grande escritor; mas era, através da literatura e da minha formação como escritor, contribuir para a independência de Angola no sentido muito amplo da independência. Não era a independência só política, era a contribuição cultural para uma identidade nacional, para uma consciência nacional, para aqueles valores que segundo certas teorias enformam a nação.

visão do futuro, obviamente. É mais do que fundamental.

No seu Livro dos Rios e em muitas alocuções que faz, dedica sempre, sem sombra de dúvidas aos do Tarrafal, como se a trama experiencial do campo representasse uma permanência no seu presente?

Até hoje! Este mesmo diário é, sem sombra de dúvidas, dos do Tarrafal! E sobretudo aos mesmos com quem eu choquei, porque esses é que fizeram com que eu melhorasse a minha perceção do que ia ser Angola do futuro. Porque as contradições que se jogavam naquele momento jogam-se ainda hoje. Nenhuma foi resolvida porque não podem ser resolvidas neste curto espaço, neste curto tempo histórico. E isto vivia-se diariamente! Um dia

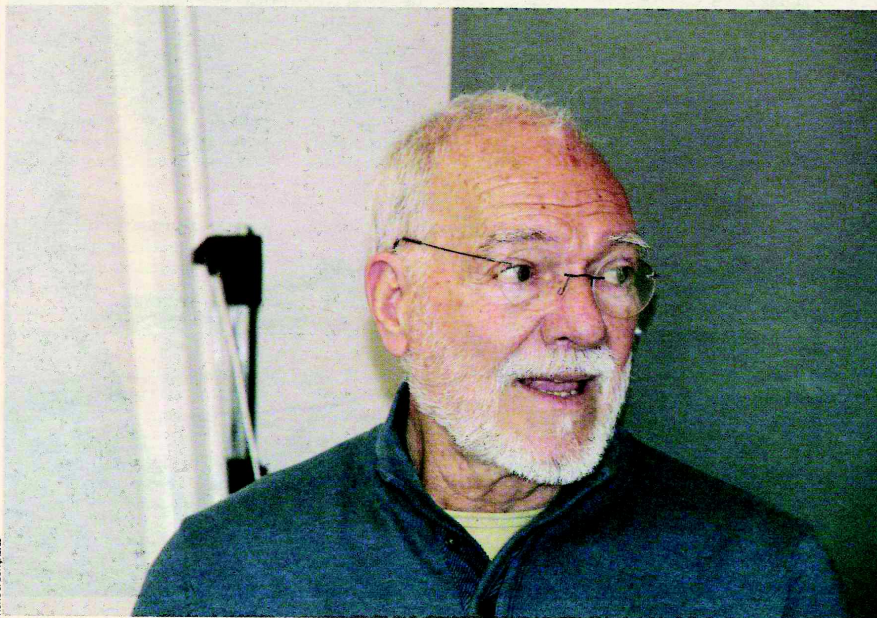
Papéis não provocam nenhum tipo de curiosidade que os leve a dizer: “Deixa-me ir ver como isto era!”.

Não. Isto tanto quanto vejo nos leitores jovens de hoje. Portanto, a publicação destes *Papéis* só poderia ser feita de forma contextualizada, para que, ao ler, os jovens possam perceber como era. Digo isto em relação a Angola; em relação a Portugal não sei.

Luandino, hoje que é que o leva a publicar estes textos?

O que me faz publicar? Quando comecei a tentar arrumar estes *Papéis*, a guardá-los, durante vários anos dividi-me entre a tentação que, às vezes, me assaltava de queimar tudo, esquecer. Porque lia e achava que não tinha grande interesse... Quer dizer, com aqueles papéis ou sem aqueles papéis, o que se passou, passou; e aquilo que ficou para o conhecimento da realidade angolana daquele tempo, chega. Achava que aqueles papéis não acrescentavam nada. Quando cheguei a essa conclusão disse: “Não vale a pena queimar ou não queimar, é a mesma coisa.”

Publicar agora... A primeira razão é que a publicar que seja enquanto eu estou vivo porque sendo papéis dum período muito, muito violento, muito controverso, de um período muito difícil da vida das comunidades angolanas, convém que aquilo que foi escrito, que foi registado, nessa época, seja publicado ainda comigo a assumir a responsabilidade daquilo que está escrito. E por isso o tipo de publicação respeita exatamente o que está lá escrito. Se o que aqui está publicado tiver valor para permitir pesquisa da história de Angola, da história da literatura angolana, fica justificada a publicação. Quando cheguei a essa conclusão deixei de pensar em destruir os papéis ou de utilizar aquilo como material para ficção.



MANOEL GONÇALVES

Luandino Vieira 'Não sei se a escrita era uma evasão, se era um ato de afirmação'

O Tarrafal permitiu-me refletir. Aquela situação incorporou-se na visão que tenho da história, do mundo, do futuro. É mais do que fundamental.

Às vezes assaltava-me (a tentação) de queimar tudo, esquecer (...) Convém que aquilo que foi escrito, nessa época, seja publicado ainda comigo a assumir a (sua) responsabilidade

A dualidade biográfica, entre as prisões de Luanda e Tarrafal, é forte. O que os Papéis mostram também é como a vida do cárcere se imprime sobre aquela película sensível que é a escrita. Como é que estes dois espaços se refletem - as prisões de Luanda e o Tarrafal - no plano da escrita, do escritor José Luandino Vieira?

As prisões de Luanda refletem-se como acumuladores de experiências. O Tarrafal não. O Tarrafal foi já a prática da escrita. Uma escrita muito orientada pelas leituras e por álbuns de pintura. Foi uma escrita condicionada, plástica e literariamente como, por exemplo, em *Nós, os de Makulusu*. Hoje, a esta distância, olho para *Nós, os de Makulusu* e digo: “Pois se não tivessem construído a biblioteca do Tarrafal...”. Construíram a biblioteca e depois um diretor disse: “Mas uma biblioteca sem livros?”. Veio o novo diretor: “Não, isto não é biblioteca, é capela-escola”. E era, era capela, escola e biblioteca.

Fala do Tarrafal como “a prisão em mim”. Qual é para si ainda hoje a fratura biográfica que o Tarrafal representa em relação aos outros regimes carcerários? Que consequências teve sobre o Luandino como homem e em relação à sua visão estética e literária? É fundamental! Não há na minha vida nenhum momento tão importante, tirando obviamente o momento em que nasci e aquele em que vou morrer, que se possa, nem de longe, nem de perto, comparar com esse momento. E com essa vivência do Tarrafal. Não só deu ordem a tudo quanto vinha de trás, como estabeleceu o modelo para tudo quanto se seguiu até hoje. Até hoje! Pouco do que se passou comigo até hoje faria de outro modo. O Tarrafal permitiu-me refletir. Aquela situação incorporou-se na visão que tenho da história, do mundo, do futuro, se é que se pode ter

surdamente, em pequenas coisas mesquinhas. Isto está refletido nos *Papéis* e felizmente que todos nós, os que saímos do campo, até hoje, dos que estamos vivos, nenhum de nós está zangado com o outro! No nosso caso, havia uma coisa que prevalecia: é que nós éramos angolanos e estávamos em Cabo Verde. E a quem interessava tomar conta de nós e que nos fazia estar ali eram os portugueses. E acabou.

Como ler hoje estes Papéis de Prisão (e nesta pergunta perguntamos ao leitor e não exatamente ao escritor)? Ou seja, como é que um jovem de hoje, que pouco sabe daqueles tempos, pode de fato aproximar-se daquele conteúdo político e humano dos Papéis?

Eu não sei nada do que é ser jovem hoje. Presumo que se não houver um enquadramento daqueles *Papéis*, um jovem pode ler com espanto e dizer: “Isto era assim?!”. Mas aqueles

E como é que o Luandino de hoje entende o Luandino de ontem? Como é que estes textos ainda hoje o interpelam, o emocionam?

O Luandino de ontem está aqui hoje, diante de vós. Mas não há lá nada que esteja escrito que eu não escrevesse hoje. Quer do ponto de vista factual, quer do ponto de vista do impacto que teve sobre mim, quer sobretudo sobre os sentimentos que isso me despertou. Emocionam. Às vezes leio e... emociona-me. Não é a correspondência com a família... São pequenas coisas, a memória tem-nas lá submersas, mas reaparecem e fico emocionado: “Como era possível isto? Como foi possível fazerem-me isto ou eu fazer isto?” Isso emociona-me porque há sempre qualquer coisa mesmo em atos que estão absolutamente passados, arrumados, catalogados, esquecidos; há qualquer coisa que ainda está vivo nisso e que, de repente, nos emociona de novo. Um ser humano nunca está esgotado. JL